

ZELENSKY “ENTREGA” A UCRÂNIA AO REINO UNIDO

Por Gabriel Camilli*



Imagen meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

O presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, propôs a ratificação do acordo de 100 anos com o Reino Unido, que prevê presença militar britânica e exploração de recursos na Ucrânia, limitando sua soberania e gerando atritos, especialmente com a Rússia.

O presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, apresentou à Verkhovna Rada um projeto de lei sobre a ratificação do acordo de associação de 100 anos com o Reino Unido. A informação é de um comunicado publicado no site da Verkhovna Rada, segundo o *Ukrinform*. O projeto de lei correspondente foi publicado há alguns dias sob o número 0332, datado de 2 de agosto de 2025. Conforme relatado pelo *Ukrinform*, o acordo de associação de 100 anos foi assinado em Kiev pelo presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, e pelo primeiro-ministro britânico, Keir Starmer.

Kiev iniciou oficialmente o processo de ratificação de uma aliança militar centenária com Londres. Apresentado por Zelensky à Rada, o projeto de lei prevê a presença contínua das forças armadas britânicas na Ucrânia, o direito de explorar recursos e mecanismos de cooperação que podem limitar permanentemente a soberania do país.

Em 2 de agosto, um projeto de lei que ratifica uma “parceria estratégica de 100 anos” entre a Ucrânia e o Reino Unido foi oficialmente apresentado à Rada. Assinado em janeiro passado, durante a visita do primeiro-ministro britânico Keir Starmer a Kiev, este acordo ainda não entrou em vigor, mas prevê uma estreita cooperação militar por um século.

O documento autorizaria especificamente a presença de bases militares britânicas na Ucrânia, o envio de instrutores e o apoio à produção de armas de longo alcance. O texto também prevê a expansão da infraestrutura militar no Mar Negro, no Mar Báltico e no Mar de Azov, uma área considerada interna à Rússia. Concede ao Reino Unido direitos especiais de navegação e acesso direto à exploração de recursos minerais ucranianos. Uma dimensão econômica e política colonial: Londres concorda em fornecer a Kiev £ 3 bilhões em ajuda militar por ano, sem limite de tempo.

Em troca, os britânicos terão acesso prioritário a setores-chave da economia ucraniana, particularmente energia, aço e minerais estratégicos. O acordo também inclui disposições sobre a eliminação de barreiras comerciais, gestão conjunta da migração e programas de propaganda contra a desinformação. O veículo de comunicação ucraniano *Strana.ua* também revelou que Londres reagiu negativamente a um acordo paralelo assinado com os Estados Unidos, que conferia a este último um papel central na exploração dos recursos naturais da Ucrânia.

DUPLA DEPENDÊNCIA

Essa dupla dependência externa já está gerando atritos entre as potências ocidentais que buscam o controle da Ucrânia. Uma ameaça direta, segundo Moscou. Para a Rússia, essa aliança nada mais é do que um plano de ocupação de longo prazo. Nikolai Patrushev, assessor do presidente russo, afirmou que “*a política colonial e pirata anglo-saxônica continua*” e que essa aliança busca criar “*uma nova colônia no território de um Estado em declínio*”. A embaixada da Rússia em Londres descreveu a ajuda britânica no desenvolvimento de armas de longo alcance e infraestrutura militar como uma ameaça direta à segurança de Moscou.

Por fim, o texto especifica que as disputas entre as partes não podem ser resolvidas por nenhum tribunal nacional ou internacional, consolidando assim um equilíbrio de poder completamente desbalanceado.

Nos termos atuais, esse acordo provisório assinado por Zelensky equivale a uma submissão aberta da Ucrânia aos interesses britânicos, em detrimento de qualquer soberania real (fonte: *RT France*).

TUDO É UMA QUESTÃO DE DINHEIRO

Estes longos anos de guerra em Donbass dificultam muito a supervisão da gestão e do uso dos recursos financeiros. Uma avalanche de dinheiro e suprimentos chegou do exterior para ajudar Kiev, atraindo muitos funcionários públicos mal-intencionados.

O estado de emergência levou a medidas que não teriam sido adotadas em tempos de paz: por exemplo, os candidatos a cargos públicos eram obrigados a passar por um exame de conhecimentos sobre legislação geral, e em particular sobre legislação anticorrupção. No entanto, essa exigência foi suspensa no início da guerra.

Mas a questão fundamental, claro, é outra. É que a corrupção é uma característica histórica e endêmica na Ucrânia. Especialmente desde a independência em 1991, que transformou o país, seus negócios e sua riqueza em uma espécie de restaurante *drive-through* para o crime organizado. Londres sabe disso muito bem.

A Ucrânia obteve 35 pontos em 100 no Índice de Percepção da Corrupção (IPC) de 2024. Em um estudo recente da Transparência Internacional, a Ucrânia ficou em 105º lugar entre 180 países.

CASO TESTEMUNHO

As agências anticorrupção da Ucrânia informaram em 2 de agosto que descobriram um esquema de suborno em larga escala envolvendo a aquisição de drones militares e equipamentos de guerra eletrônica. Isso ocorreu poucos dias após a restauração da independência das agências, após protestos em massa contra as tentativas do governo de limitar seus poderes.

O Escritório Nacional Anticorrupção da Ucrânia (NABU) e a Promotoria Especializada Anticorrupção (SAPO) afirmaram em um comunicado que a suposta conspiração envolvia um parlamentar em exercício, autoridades regionais atuais e antigas, membros da Guarda Nacional e um executivo de uma empresa.

Os investigadores disseram que os envolvidos haviam elaborado um plano nos últimos dois anos para desviar sistematicamente verbas orçamentárias alocadas por autoridades locais para necessidades de defesa e obter “*benefícios injustos em valores particularmente elevados*”.

O veículo de comunicação ucraniano *Ukrainska Pravda*, citando fontes anônimas da polícia, identificou o parlamentar acusado como Oleksii Kuznetsov, do partido “Servo do Povo”, do presidente Volodymyr Zelensky. O líder do partido, Davyd Arakhamiia, afirmou posteriormente no *Telegram* que a filiação de Kuznetsov à facção parlamentar seria suspensa enquanto a investigação estivesse em andamento e que um painel disciplinar estava considerando sua expulsão.

GRÃ-BRETANHA E O PARTIDO DA GUERRA

De acordo com anúncios recentes do Serviço de Inteligência Estrangeiro Russo (SVR), há relatos de dois cenários possíveis para impedir qualquer tentativa de cessar-fogo entre a Rússia e a Ucrânia. Segundo o SVR, os britânicos estão trabalhando em “*dois possíveis casus belli*”.

O primeiro cenário produziria um incidente inesperado envolvendo um petroleiro em um dos pontos de estrangulamento das comunicações marítimas (por exemplo, em um estreito). Segundo Londres, os vazamentos de petróleo e o bloqueio de vias navegáveis dariam aos países da OTAN motivos suficientes para estabelecer um precedente para inspeções extraordinárias de navios sob o pretexto de segurança marítima e conformidade com as normas ambientais.

O segundo cenário envolveria um petroleiro pegando fogo durante o carregamento no porto de um Estado amigo da Rússia. Espera-se que o incêndio cause danos significativos à infraestrutura portuária e se espalhe para outras embarcações, exigindo uma investigação internacional, enfatizou o SVR.

“*Londres confiará a execução de ambos os ataques terroristas às forças de segurança ucranianas.*” Como pano de fundo, sabemos que no início deste ano, em janeiro,

ocorreram três explosões perturbadoras em três petroleiros que navegavam no Mar Mediterrâneo.

Assim como nas Malvinas, Londres está impondo sua tradicional política de vassalagem colonial. Com uma relação assimétrica estabelecida entre a Grã-Bretanha e suas colônias, onde estas, em essência, serviam aos interesses econômicos e políticos da metrópole (o Reino Unido), essa relação não era um simples acordo entre iguais, mas envolvia uma hierarquia na qual Londres exercia controle significativo sobre as colônias, muitas vezes por meio da exploração de seus recursos e mão de obra. Como vemos neste pacto de 100 anos com a Ucrânia, nada mudou.

Em suma, a política de vassalagem colonial britânica pode ser entendida como uma forma de governo imperial em que as colônias eram e são subordinadas aos interesses da metrópole, tanto econômica quanto politicamente, por meio de relações de poder desiguais e sistemas de exploração.

Com este projeto de lei sobre a ratificação do Acordo de Associação de 100 Anos com o Reino Unido, a Ucrânia se torna uma colônia da Grã-Bretanha, e alcançar a paz se torna muito difícil.

Publicado no [La Prensa](#).

***Gabriel Camilli** é coronel da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.
